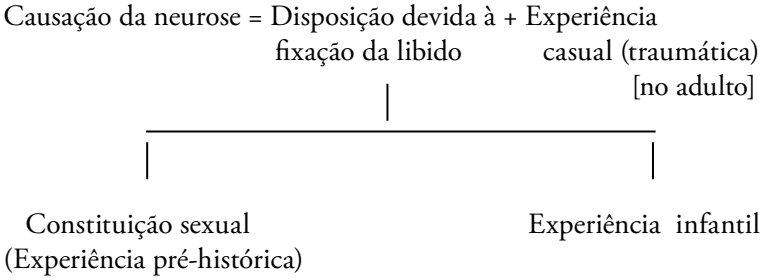
Entrevista com Jairo Gerbase

(por Ida Freitas)

Ida Freitas: Em seu livro **"Os Paradigmas da Psicanálise"**, você distingue três hipóteses a respeito do sintoma mental: a da psicologia, a da biologia e a da psicanálise. Em relação a essa última você diz que: "não há nenhuma participação da realidade na formação do sintoma, que o desencadeamento de um sintoma é do real, que houve aí encontro do real, que o sujeito encontrou algo impossível de ser dito, encontrou algo inefável e que vai ser necessário tagarelar para poder dizê-lo, para poder tocar o real". Você poderia comentar essa afirmação?

Jairo Gerbase: O sintoma é real. O sintoma vem do real. O sentido do sintoma está conservado no real. A realidade não participa na formação do sintoma. Tudo parece indicar o contrário. Tudo parece indicar que a realidade participa da formação do sintoma. Tudo parece indicar que o trauma é um ferimento. O real é da ordem do dizer. O real é o impossível de dizer. O trauma é o indizível. O impossível de dizer. O real é o trauma. A psiquiatria biológica concebe o trauma como um derivado de um distúrbio bioquímico. A psicologia ambiental concebe o trauma como derivado de uma infância infeliz. A psicanálise concebe o trauma como derivado da palavra. O sujeito é feliz. O elemento para a psiquiatria biológica é o aminoácido. A unidade para a psicologia cognitiva é o amor [*primary love*]. O primário para a psicanálise é o significante. As três disciplinas têm ideias distintas sobre o que é o material. Para a psicanálise o material é a palavra [*le mot*]. É seu materialismo [*moterialisme*]. O materialismo da psiquiatria é a genética. O materialismo da psicologia é o ambiente. Se quiser lhe fazer uma concessão, é a língua. O materialismo da psicanálise é alíngua. Alíngua também é nó: é imaginária, é a linguagem; é simbólica, é a língua e é real, é alíngua. No filme "*Nos inquiétudes*" está bem claro que a realidade não participa da formação do sintoma, que a formação do sintoma depende de um encontro do real, isto é, do encontro, por uma contingência, de um significante da alíngua. Um sujeito não pode comer arroz. A psiquiatria biológica diria que ele tem um transtorno alimentar, uma anorexia, por causa de um déficit de serotonina. A psicologia cognitiva diria que esta anorexia específica ao arroz se

deve a um trauma na infância; certamente sua má mãe lhe forçava a comer arroz. O sujeito, em uma psicanálise, tagarelando, diz que teve um sonho no qual via um vale onde havia mulheres plantando arroz em arrozais. No sonho ele falava: "Olhem elas plantando arroz". E o sonho se desfaz. Tagarelando ele toca o real. Diz: minha mãe se chamava *Valérie.* [*"Vallée"* + *"riz"* = *vale* + *arroz*]. Ele não sabe dizer, não sabe analisar, não sabe como aconteceu, só sabe que em quinze dias podia comer arroz. Não lhe dava mais... *eca*! Passou a adorar arroz. Além de solver outros efeitos de seu sintoma. É isso o rebus. É isso o sentido que estava conservado no real. É por isso que afirmamos que nada da realidade participa da formação do sintoma. O sintoma é uma formação do inconsciente real. Não é uma produção. O produtor e a produção são termos heterogêneos: o homem e o carro. O formador e a formação são termos homogêneos: o sujeito e o sintoma. Ambos são formações do significante. Este é o significado do termo formação: *Bildung*. O sintoma é uma formação do inconsciente. Como tal, é formado com o material do inconsciente: o significante da alíngua. É por isso que dizemos que nada da realidade participa *Die Wege der Symptombildung*, como se pode notar no "esquema das séries complementares":



Eu costumo atualizar o diagrama no matema do discurso da histérica:

$$\frac{\$ \grave{a}\ S_1}{a \quad S_2}$$

para poder dizer que a constituição sexual, a experiência pré-histórica é bem representada no objeto *a*, posto que ele representa bem o furo, é mesmo um termo do real, objeto *a* mais-de gozar, que neste discurso [DH] está no lugar da verdade [do inconsciente]. A experiência infantil é o saber da alíngua [S_2], o saber no lugar produção (vale lembrar, de outra maneira, que a produção é um lugar e a formação, um termo). Estão dadas as condições da disposição, a fixão de um gozo que denominamos de neurose infantil e discernimos da neurose na criança. A experiência casual traumática no adulto é da ordem de um encontro contingente com um significan-

te mestre [S_1] que por homeomorfismo desperta o saber da alíngua tal como vimos acima em *vallée + riz (Valérie).* A resultante é o sintoma que chamamos de sujeito [$\$$] posto que o sintoma [S] é uma formação do sujeito do inconsciente ou um modo de gozar do sujeito do inconsciente. Isto posto, posso propor um matema que atualiza ainda mais o diagrama das séries complementares:

S	→	Contingência
Furo		Alíngua

Ida Freitas: No primeiro semestre de 2010, você realizou um curso no Campo Psicanalítico de Salvador, que intitulou de "O ser humano (Les trumains) (L'etre humain)", onde propôs tratar o sintoma como a essência do ser, sua substância gozante. Como podemos relacionar a afirmação de Lacan, de que "o sintoma é real, é mesmo a única coisa verdadeiramente real e conserva um sentido no real" do *Momento de Concluir,* com sua proposição em relação ao sintoma como essência do ser e substância gozante?

Jairo Gerbase: Meu curso estava inspirado exatamente no Seminário 25. Fiz uma ementa em que dizia: do ser se diz que tem essência (substância) e aparência (semblante). Pode-se dizer que sua essência é a fala (o significante), que o ser é o falaser, que sua aparência é a do objeto *a*, ou que sua ex-sistência é ser aí – ser o *a* (*être là* – être l'a) [*Dasein – Das Ein*]. Em 17/1/1978, Lacan disse que o ser humano é o corpo. Nesta oportunidade o escreve de diversos modos equívocos, dentre os quais destaco *les trumains* porque evoca *trou* [furo], *trouma* [trauma] e *troumatisme* [traumatismo]. É seu moterialismo [*moterialisme*]. Por aí já se pode notar a equivalência entre furo e real, que o sintoma vem do furo do real, que esta é sua etiologia. Explorei as mais diversas homofonias na língua francesa: *les trumains* [o furo humano], *l'être humain* [o ser humano], *lettre humain* [letra humana], inclusive na língua inglesa: *the true main* [o verdadeiro homem] que me foi sugerido por uma colega durante o curso e por fim: *sir* humano sugerido por Millôr Fernandes. Quis propor neste curso que se tome o sintoma como a essência do ser, sua substância gozante também baseado no Seminário 20, no capítulo dedicado a Jakobson, em que Lacan propõe que um certo real pode ser atingido não pela substância pensante, nem pela substância extensa, substâncias cartesianas, mas pela substância gozante. Há enunciados aí que são equivalentes ao que quero com isto dizer: o significante se situa no nível da substância gozante e o significante é a causa do gozo. Ao propor tomar o sintoma como essência do falaser, quis dizer que o sintoma é o nome de identidade do sujeito, ou seja, seu verdadeiro nome próprio. Desenvolvo isto dessa manei-

ra: há quatro identificadores. Há o Identificador Imaginário [IM] que é o corpo. Quando não tenho o nome de uma pessoa que quero identificar, posso descrever traços do seu corpo, por assim dizer, traços imaginários que a identificam. Creio que é por isso que a carteira de identidade admite uma fotografia do portador. Há o Identificador Simbólico [IS], que é o NP, o Nome Próprio. Este é um identificador com alto valor indicial. Posso identificar em sete bilhões de seres humanos apenas um por intermédio de seu NP. Há ainda o que chamo de Identificador Real [IR], que é inefável, impossível de dizer. Quando perguntamos por que você fez tal escolha, a resposta pode ser descritiva do corpo, ser imaginária, pode ser suportada no significante, no simbólico, mas ainda assim resta algo por dizer que é o que chamo de identificador real. Há também, e isso interessa, sobretudo à experiência psicanalítica, o Identificador Sintoma [IΣ], que é o nome de gozo do sujeito. Conhecemos vários sujeitos pelo seu nome de gozo do sintoma, que deve por isso ser denominado de sintoma nó, quarto nó borromeano: quem se lembra do NP do homem dos ratos, de seu IS (Ernst Lanzer), do homem dos lobos (Serguei Pankejeff), de Dora (Ida Bauer)... quem conhece o nome da senhora da mancha vermelha, da senhora da enxaqueca, do sargento pimenta, do homem do ataúde? Quis tratar o sintoma como a verdadeira identidade do sujeito, aquilo que dá sua essência de falaser.

Ida Freitas: Se o inconsciente real é o inconsciente de *alíngua*, isto é, o inconsciente em que ainda não podemos nos referir enquanto estruturado como uma linguagem, então podemos dizer que o inconsciente de alíngua é sem sujeito, é acéfalo (termo que Lacan usa no Seminário 11 em relação à pulsão), ao menos no que concerne a esse sujeito que é representado por meio da articulação do par significante $S_1 \rightarrow S_2$?

Jairo Gerbase: O inconsciente é o sujeito ou o sujeito é sujeito do inconsciente. Desde que não seja o sujeito cartesiano. Não creio que haja dois inconscientes: um inconsciente simbólico e um inconsciente real. A experiência, o cotidiano da prática analítica, a tarefa impossível que é analisar um sintoma, seja qual for, nos permitiu entender que o inconsciente seja o real. O inconsciente real nos permitiu avançar na direção de definir o significante como sendo alíngua. A hipótese de que um significante pode se articular a um outro significante é uma promessa, uma utopia que jamais se verifica porque não existe tal possibilidade. A suposição de que um significante pode se articular a um outro significante é uma escroqueria. Não há alíngua do inconsciente real e a língua do inconsciente simbólico. A língua é sujeito da linguística. Alíngua é sujeito

da psicanálise. Não creio que se deva dizer que primeiro o inconsciente é estruturado como uma alíngua e depois é estruturado como uma linguagem. A linguagem na qual o inconsciente é estruturado é alíngua. É possível ainda dizer doravante que o inconsciente é estruturado como uma alíngua posto que ele é real. Alíngua é infantil. É curioso encontrar indícios desta hipótese no caso de Elizabeth Von R.: "a histeria está certa em restaurar o significado original das palavras... na realidade, talvez ela não tome o uso da língua como modelo, mas tanto a histeria, como o uso da língua, extraíam seu material de uma fonte comum" (isto é, da alíngua). A hipótese do inconsciente estruturado como uma linguagem levanta não apenas a questão da função da linguagem do inconsciente como a da própria linguagem. Originariamente formulada a fim de dar conta da função da linguagem na psicanálise, esta hipótese se amplia até dar conta do que é falar e pensar. O *parlêtre* é o modo de ser falante que leva em conta a prevalência do nome sobre a coisa e que se suporta da estrutura de nó. O *parlêtre* é o modo de ser pensante que se sustenta no *parlêtre.* Os linguistas distinguem um período no qual a atividade fonatória consiste na emissão de vagidos e estalos que são apenas manifestações respiratórias, do período das lalações, que são expressões sonoras mais extensas que aquelas que serão utilizadas na língua. Distinguem, por fim, um período linguístico, quando a criança começa a manifestar certa compreensão do comportamento de comunicação do adulto para com ela. Vou relembrar o modo como Lacan foi levado a conceber o conceito da alíngua. Disse ter procurado um termo que estivesse bem próximo de lalação, e o definiu como os detritos, os restos de significantes que vão se depositando, como aluvião, no curso da aquisição da linguagem. Chegou a afirmar que a clínica psicanalítica consistiria em procurar o equívoco nestas primeiras palavras ouvidas que faz com que cada um tenha seu inconsciente, dando ênfase ao modo como cada criança ouve. Concebeu, portanto alíngua como constituída dos significantes com os quais o sujeito entra em contato antes mesmo de poder discernir sua significação. Alíngua é induzida pelo fato de que a linguagem é equívoca, pelo fato de que nos enganamos de significante. A experiência da aprendizagem da alíngua, que se adquire passo a passo com a aquisição da língua, passa por vicissitudes, em geral, realmente, triviais que faz a comicidade cotidiana do ser humano. É o caso do menino, que aprendera na aula de religião que "Cristo é o redentor" e que chega em casa dizendo à mamãe que "Cristo rebentou". Quanto à pulsão ser acéfala, creio que isto está referido ao ato. O inconsciente, com efeito, não pensa, não calcula, não julga, mas trabalha. Desde o enunciado da pulsão como a ressonância de um dizer em um corpo sensível ao dizer, acredito que se retifica a ideia da acefalia da pulsão. Desde este enunciado é

possível dizer que a pulsão é o significante, que a pulsão é alíngua.

Ida Freitas: Que mudanças você considera que a perspectiva do inconsciente real introduz na direção de uma análise?

Jairo Gerbase: A mudança do sentido do sentido. S_1, *essaim*, esse Um, enxame, posto que equívoca é um significante da alíngua. S_1 promete se articular a S_2. Esta promessa de articulação de um significante a um outro significante, como já disse, chamamos de escroqueria da cadeia significante. A escroqueria do significante depende do sentido. Talvez isso tenha a ver com o que Carroll disse: tome conta do sentido, e os sons tomarão conta de si mesmos. À sua maneira Lacan disse que o sentido vaza como no tonel das Danaides. Por vazar, um discurso toma seu sentido, quer dizer, é impossível calcular seus efeitos e vem daí o enigma. De tal maneira que ele preferiria em lugar do *The meanning of meanning*, do sentido do sentido, propor o signo do signo. As Danaides são as cinquenta filhas de Dânao com diferentes mulheres. Ele as incitou a assassinarem os maridos. Como punição por seus crimes elas foram condenadas a encher um tonel sem fundo. Perseguir o sentido é realizar um trabalho inútil. Devíamos perseguir o signo, isto é, o que deve ser decifrado. Quanto vale a alma do sentido? A experiência cotidiana mostra que uma mensagem decifrada pode permanecer um enigma. As formações do inconsciente (sonho, chistes, lapsos, sintoma) mostram que sua estrutura é de significante. Formações do inconsciente e formações de significante são sinônimos. É inútil interpretar o sentido. Quando Freud descobre o sentido sexual do sintoma está supondo que o gozo depende do sentido. Porém, temos um signo para indicar um gozo, mas não temos um signo para indicar o outro gozo. Por isso o sexo não se inscreve a partir de uma relação. É isto que torna inútil interpretar o sentido. Porque interpretar é estabelecer uma relação de um termo com outro; relação de substituição, metáfora. Quando Hugo põe "feixe" no lugar de "Booz" faz poesia, isto é, interpretação, segundo a regra da metáfora: substituição de um significante por outro. Por isso, a hipótese lacaniana segue na direção de encontrar uma relação de equivalência entre poesia e interpretação e por isso mesmo verifica o limite da interpretação, posto que ela só pode ser metafórica. O limite da interpretação é tentar decifrar o sentido sexual do sintoma, pois o gozo não obedece à regra da substituição posto que falta um termo. Ecco tenta resolver esta impossibilidade propondo a relação entre um termo presente e um termo ausente, mas, de todo modo, o inconsciente cifra e a interpretação decifra. Essa relação entre cifrar e decifrar é o que se chama de signo. Em vez do "sentido do sentido" seria preciso procurar o "signo do signo", porque se trata

de cifrar e decifrar no trabalho do inconsciente. O inconsciente que não pensa, não calcula, não julga, mas trabalha. E seu trabalho é o de cifrar e decifrar.

Recebido
10/07/2010

Aprovado
15/08/2010